

# UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA MARCAÇÃO DE GÊNERO ENTRE A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E A LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA

A COMPARATIVE ANALYSIS OF GENDER MARKING  
BETWEEN THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND  
THE PORTUGUESE SIGN LANGUAGE

UN ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA MARCA DE  
GÉNERO ENTRE LA LENGUA BRASILEÑA DE  
SEÑALES Y LA LENGUA GESTUAL PORTUGUESA

---

*Suammy Priscila Rodrigues Leite CORDEIRO*<sup>1</sup>

*Joana Rita da Silva CONDE E SOUSA*<sup>2</sup>

*Marcos Roberto SANTOS*<sup>3</sup>

---

## Resumo:

O povo surdo em todo o mundo possui como língua natural a língua gesto-visual, que se diferenciam linguisticamente de um país para o outro em seus componentes lexicais, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, esta pesquisa tem como objetivo realizar uma análise morfológica sobre a marcação de

---

<sup>1</sup> Prof. Ma. Suammy Priscila Rodrigues Leite Cordeiro (brasileira), mestre em Estudos Linguísticos (UFMT), doutoranda em Formação de Professores pela Universidade de Lisboa, no Instituto de Educação. Docente do Instituto Federal de Ensino, Ciências e Tecnologia do Mato Grosso (IFMT). Contato: suammypriscila@gmail.com

<sup>2</sup> Prof. Dr<sup>a</sup> Joana Rita da Silva Conde e Sousa (portuguesa), Título de Especialista em Língua e Literatura Materna (2015). Docente Adjunta no Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra. Contato: joanarita@esec.pt

<sup>3</sup> Prof. Me. Marcos Roberto Santos (brasileiro), mestre em Letras e Artes (UEA), Docente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Contato: mrdasantos@uea.edu.br

gênero entre a Língua Gestual Portuguesa (LGP) e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), para detectar diferenças e similaridades em seus usos. Para a realização dessa pesquisa foi feito levantamento bibliográfico nos referenciais teórico-analíticos baseados em estudos de especialistas em linguística da Libras como Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (2010), entre outros, e na LGP Amaral et al. (1994) e Correia (2017). Esta investigação é de natureza qualitativa e tem como método de coleta de dados a pesquisa bibliográfica em três fontes: o Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Libras, Volumes 1 e 2 (2013) e o Gestuário Digital de Língua Gestual Portuguesa (2008) e Moderna Gramática Portuguesa (2009). A etapa final da pesquisa configurou-se na análise de conteúdo. O resultado dessa pesquisa comprovou a diferença entre as línguas estudadas, e foi delineado uma tabela comparativa que elucida os tipos de marcações de gênero em LGP e Libras, tendo por bases os estudos da LP.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gênero, Comparação, Morfologia, LGP, Libras.

---

### **Resumen:**

*La población sorda en todo el mundo posee como idioma natural la lengua gesto-visual, existiendo diferencias lingüísticas de un país para el otro en sus componentes lexicales, fonológicos, morfológicos, sintácticos, semánticos y pragmáticos. Para tanto, esta investigación tiene como objetivo realizar un análisis morfológico sobre la diferencia de género entre la Lengua Gestual Portuguesa (LGP) y la Lengua Brasileña de Señales (Libras), para detectar diferencias y semejanzas en sus usos. Para la realización de esta investigación se realizó una revisión bibliográfica en los referenciales teórico-analíticos baseados en estudios de especialistas en lingüística de Libras como Cuadros y Karnopp (2004), Ferreira (2010), entre otros, y en la LGP Amaral et al. (1994) y Correia (2017). Esta investigación es de naturaleza cualitativa y tiene como método de recolección de datos la investigación bibliográfica en tres fuentes: el Nuevo Deit-Libras: Dicionario Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe de las Libras, Volúmenes 1 y 2 (2013) y el Gestión Digital de Lengua Gestual Portuguesa (2013) (2008) y Moderna Gramática Portuguesa (2009). La etapa final de la*

*investigación se configuró en el análisis del tema. El resultado de esta investigación comprobó la diferencia entre las lenguas estudiadas, y fue delineado un cuadro comparativo que elucidó los tipos de marcas de género en LGP y Libras, teniendo por base los estudios de la LP.*

**PALAVRAS CLAVE:** *Género. Comparación. Morfología. LGP. Libras.*

---

### **Abstract:**

Deaf people throughout the world have like a natural language the space-visual language, which differ linguistically from one country to another in its lexical, phonological, morphological, syntactic, semantic and pragmatic components. Thus, this research has the mainly objective making a morphological analysis on the gender marking between the Portuguese Sign Language (LGP) and the Brazilian Sign Language (Libras), to detect differences and similarities in their uses. For the accomplishment of this research, a bibliographical survey was carried out in the theoretical-analytical references based on studies of linguistic experts from Libras such as Quadros and Karnopp (2004), Ferreira (2010), among others, and LGP was used Amaral et al. (1994) and Correia (2017). This research has a qualitative nature and has as a method of data collection the bibliographic research in three sources: the New Deit-Libras: Illustrated Encyclopedic Dictionary of Libras, Volumes 1 and 2 (2013) and the Digital Gesture of Portuguese Sign Language (2008) and Modern Portuguese Grammar (2009). The final step of the search was set up in content analysis. The results of this research proved the difference between the languages studied, and a comparative table was drawn which elucidates the types of gender markings in LGP and Libras, based on the studies of Portuguese Language.

**KEY-WORDS:** *Gender. Comparison. Morphology. LGP. Libras.*

## INTRODUÇÃO

As línguas de sinais/gestuais<sup>4</sup> utilizadas pela comunidade surda são consideradas línguas, primeiramente, por cumprir um papel comunicacional. Além disso, estão ancoradas em três pilares: **social**, porque há uma comunidade linguística que as utilizam como forma de comunicação; **linguístico**, porque cumprem com o estatuto estabelecido pela linguística saussuriana, ou seja, possuem fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática e; **política**, já que em muitos países estas línguas já se apresentam oficializadas na legislação, como no Brasil, que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é reconhecida oficialmente através da Lei nº 10.436 de 24 de Abril de 2002 e em Portugal através da 4ª Revisão Constitucional, no seu artigo 74 h) de 20 de setembro de 1997.

Com base nessa concepção linguística das línguas gesto-visuais (LGV)<sup>5</sup>, esta pesquisa tem como objetivo realizar uma análise morfológica da Libras e da Língua Gestual Portuguesa (LGP) para detectar similaridades e diferenças entre estas duas comunidades de fala, especificamente no que diz respeito ao uso dos gêneros na classe gramatical substantivo, através de análise documental do Novo Deit - Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volumes 1 e 2 (2012) e o Gestuário Digital de Língua Gestual Portuguesa (2008) disponível em CD.

### LIBRAS E LGP: LÍNGUAS GESTO-VISUAIS NATURAIS E DISTINTAS

Onde houver surdo, há línguas gesto-visuais, logo, em toda parte do mundo há LGV e, ao contrário do que muitos

<sup>4</sup> Em Portugal a língua é denominada como gestual e no Brasil como língua de sinais, por isso em todo o texto vamos diferenciar as línguas pelos termos, respeitando suas nomações.

<sup>5</sup> Optamos por usar essa terminologia (e sigla) quando falamos de todas as línguas que são de modalidade visual-espacial. Uma vez que no Brasil utilizamos a nomenclatura Línguas de Sinais – LS e em Portugal Línguas Gestuais – LG e essa nomenclatura consegue abranger as duas.

(ainda) pensam, elas não são iguais entre si, nem tampouco é uma única língua utilizada em todo o mundo. Outro mito que ainda perdura na sociedade é que a LGV de um país é advinda da língua oral deste, ou seja, a LGP é advinda da Língua Portuguesa (LP) (Oral), e, conseqüentemente, a Libras, também. Entretanto, o estudo que ora apresentamos, objetiva contribuir para comprovar justamente o contrário.

Os dois países em foco nessa pesquisa, Brasil e Portugal, são falantes de uma ‘mesma’ língua oral, a LP – não vamos entrar no mérito da discussão acerca do uso da LP nos dois países – entretanto, a suas LGV são diferentes desde os seus alfabetos.

A LGP e a Libras são línguas naturais de suas respectivas comunidades, utilizadas pela maioria de seus membros. O primeiro linguista a reconhecer as LGV como línguas naturais foi o americano Stokoe (1960), e ele afirmou, em seu primeiro estudo, que a LGV utilizada por surdos americanos, hoje denominada American Sign Language – ASL, seria dotada de características linguísticas semelhantes às das línguas orais.

Autoras brasileiras corroboram com esta afirmação:

As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de características que lhes atribui caráter específico e as distingue dos demais sistemas de comunicação. [...] As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30)

Dessa forma, cada língua apresentará peculiaridades na sua formação, ou seja, terão suas próprias fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e outras propriedades, e que nada têm a ver com as línguas orais usadas em seus países, e, portanto, devem ser respeitadas como línguas naturais, línguas vivas.

## BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA

É do conhecimento dos estudiosos da área que tudo começou na França, no Século XVIII, onde surge o primeiro educador de surdos: o Abade L'Epée, considerado até os dias de hoje como o pai dos surdos, pela sua grande contribuição nesse campo do conhecimento, já que partiram dele os primeiros estudos acerca das interações dos surdos (LANE, 1984).

Quase um século depois, em 1823, chega a Portugal o professor sueco Pär Aron Borg, trazido por D. João VI, a pedido da sua filha. Este criou o Instituto de Surdos-Mudos e Cegos de Lisboa. Logo, a língua impulsionadora da LGP foi a Língua Gestual Sueca (PEREIRA E CONDE E SOUSA, 2004; VAZ DE CARVALHO, 2007). Semelhantemente no Brasil, em época próxima (1855), é trazido ao Brasil o professor francês, surdo congênito, René Ernest Huet, pela corte de D. Pedro II para atuar na educação dos surdos filhos dos nobres e em 26 de setembro de 1857, é fundada a primeira escola de surdos no Brasil, o INES, hoje denominado Instituto Nacional de Educação do Surdo. Sua vinda possibilitou influências linguísticas da Língua Francesa de Sinais aos estudos e usos da Libras.

Quanto à oficialização, a LGP foi reconhecida na Constituição da República e considerada língua de ensino da comunidade surda, desde 20/09/97, pela 4.<sup>a</sup> Revisão Constitucional, apresentada em Diário da República, no artigo Nº 74, alínea 'h' no qual se refere o dever de “Proteger e valorizar a Língua Gestual Portuguesa enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades”.

Já a Libras teve seu reconhecimento efetivado como língua oficial do Brasil através da Lei Federal Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e nesta, a Libras é incluída como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) nos

curso de formação de professores e de fonoaudiologia, em níveis médio e superior.

Três anos depois o Decreto Nº 5.626/05, de 22 de dezembro, é deliberado para instruir quanto ao uso e difusão da Libras, seu ensino, a formação de instrutores, professores e intérpretes. Por sua vez, a profissão de Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa/Libras (TILS), é somente reconhecida e legalizada em 1º de Setembro de 2010, pela Lei Nº 12.319. Em Portugal, o exercício da atividade de intérprete de LGP é reconhecido em 5 de julho de 1999, pela Lei Nº 89/99. Nesta podemos encontrar os princípios basilares do código de ética e deontológico em todas as áreas de atuação do tradutor intérprete de língua gestual.

Os documentos oficiais de ambos os países valorizam os surdos e suas línguas, mas também afirma a importância destes aprenderem a Língua Portuguesa e sua escrita, uma vez que é pretendida uma Educação Bilíngue, amparada em Portugal pelo Decreto-Lei Nº 3/2008 e no Brasil pelo Decreto Nº 5.626/05. Esta modalidade de ensino preconiza possibilitar ao surdo aprender a LGV e a LP, a LGV como primeira língua e a LP como segunda, de modo a oportunizar seu desenvolvimento cognitivo, da mesma forma que é garantido ao ouvinte.

### **ABORDAGEM METODOLÓGICA**

A investigação que ora apresentamos, percorre uma abordagem qualitativa já que, de acordo com Minayo (2009), esse tipo de pesquisa lida com o mundo dos significados e, segundo Gerhardt e Silveira (2009), não demanda representatividade numérica, mas pretende dar resposta aos porquês.

Na fase exploratória dessa investigação, realizamos a escolha do objeto e o delimitamos. Segundo Gil (2002):

Esta etapa representa um período de investigação informal e relativamente livre, no qual o pesquisador

procura obter, tanto quanto possível, entendimento dos fatores que exercem influência na situação que constitui o objeto de pesquisa.

Diante dos diversos léxicos derivacionais existentes nas LGV, optamos por analisar aqueles que empregam o gênero na Libras e na LGP, com o objetivo de encontrar semelhanças e dissonâncias em suas realizações, tendo como fontes da pesquisa: o Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, Volumes 1 e 2 (2013) e o Gestuário Digital de Língua Gestual Portuguesa (2008).

Na abordagem qualitativa, vários são os métodos utilizados para a coleta dos dados, de forma que nos permita aproximar da realidade social vivenciada. O método de busca dos dados que suportou esta investigação foi a pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002) esse método é muito utilizado nas pesquisas qualitativas e se desenvolve com base “em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44).

O autor afirma que há pesquisas que são exclusivamente realizadas a partir de dados bibliográficos e as pesquisas realizadas em dicionários está classificada para ele como fonte bibliográfica de livro de referência (ou de consulta) informativa, assim como enciclopédias, anuários e almanaques, pois são fontes “que têm por objetivo possibilitar a rápida obtenção das informações requeridas” (Gil, 2002, p. 44).

A terceira etapa dessa investigação, que consiste no tratamento dos dados coletados, usamos a técnica denominada “análise de conteúdo”, já que se apresenta como:

(...) flexível e adaptável às estratégias (...) e por apostar claramente na possibilidade de fazer inferências interpretativas a partir dos conteúdos expressos, uma vez desmembrados em ‘categorias’, tendo em conta as ‘condições de produção’ (circunstâncias sociais, conjunturais e pessoais) desses mesmos conteúdos, e com vista à explicação e compreensão dos mesmos” (AMADO, 2014, p. 300).

Para Bogdan e Biklen (1994), a análise de dados é sistematizada e consiste na “organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (p. 205).

Dessa forma, a análise foi realizada individualmente pelos autores, mas também coletivamente, em discussões *on-line*, por meio da comunicação mediada por computador (CMC), já que os autores se encontram em espaços geográficos diversos. A CMC é um modelo de interação utilizado por diversos âmbitos do conhecimento para mediar reuniões, encontros, aulas, etc., como sendo um ambiente virtual versátil, segundo (MARCUSCHI, 2002). Se fez necessário, ainda, o uso de ferramentas de mídia virtual, já que a realização dos léxicos é de cunho viso-gestual.

#### ANÁLISE/DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADOS

Para dar início à análise, é importante compreendermos que morfologia se conceitua pelo estudo da estrutura interna das palavras, ou seja, pequenas unidades arbitrárias (fonemas) dotadas de significado (morfemas) que formam as palavras, no caso da LGV, os sinais.

Conforme a discussão anterior sobre os aspectos linguísticos das línguas de sinais, podemos dizer que, por serem naturais, essas línguas também exibem a dupla articulação. Isso significa que os enunciados produzidos em uma língua não são indivisíveis. Para Martelotta (2013, p. 39)

A linguagem humana é *articulada*: porque se manifesta através de sentenças resultantes da união de elementos menores. E podemos também compreender o termo “dupla articulação”: existem dois tipos diferentes de unidades mínimas: os *morfemas* e os *fonemas*”.

Assim, a dupla articulação nas línguas orais e sinalizadas/gestuadas se caracteriza pela divisão das palavras em menores

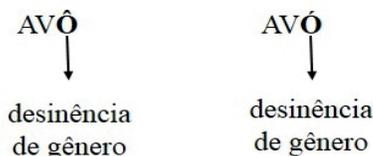
unidades arbitrárias dotadas de significação, os morfemas. E, dividida novamente em menores unidades ainda, sem significação e com funções distintivas, os fonemas.

Em relação à morfologia, objeto desta pesquisa, a mesma foi empregada inicialmente na área das ciências da natureza, botânica e geologia. Apenas no século XIX aplicada à Linguística, primeiramente na tentativa de solucionar o enigma da primeira língua existente, o indo-europeu e suas raízes, que deram origens às outras línguas. Atualmente, a morfologia tem como objeto de estudo a forma das palavras, com princípios mais abrangentes e complexos (PETTER, 2014).

Assim, nas línguas sinalizadas/gestuadas, a morfologia atua com o objetivo de analisar a estrutura interna dos sinais, bem como das regras que os formam. Para esta pesquisa, será tomado como princípio de análise apenas os morfemas que indicam o gênero nas LGV, que, conforme Amaral et al. (1994), é marcado apenas em seres animados, podendo também ser omitido, como veremos adiante. Assim, os autores sugerem que nas LGV sejam considerados a tripartição de gêneros: masculino, feminino e neutro (para os seres inanimados). Nós vamos nos ater aos seres animados somente.

### MORFEMAS NOMINAIS DE GÊNERO EM LIBRAS E EM LGP

As regras gramaticais para a marcação de gênero nas línguas de sinais funcionam de maneira diferente das línguas orais, uma vez que estas possuem as desinências nominais de gênero “o” e “a”, como é o caso da Língua Portuguesa. Por exemplo:



Segundo Bechara (2009, p. 95) quando trata da estrutura interna do substantivo, este “pode ser dotado da

marca de gênero: menino/menina, gato/gata”, a essa marcação é dado o nome de “moção”. Mas, não só a desinência pode o caracterizar como também o artigo que lhe antepõe – [o] para masculino e [a] para feminino. Entretanto, a marcação de gênero não é tão simplista assim na LP, já que, por exemplo, não podemos dar essa mesma definição para os substantivos mato/mata ou jarro/jarra.

A presença dessas desinências nominais de gênero na LP não ocorre nas LGV, mas, a marcação de gênero para os substantivos sexuais é indicada, de acordo com Ferreira (2010, p. 49), “pospondo-se o sinal HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais”. É a forma mais comum de indicarmos o feminino e o masculino dos substantivos nas LGV.

**Imagem 1:** Sinais/gestos em Libras e LGP para HOMEM e MULHER<sup>6</sup>



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1392 e 1756) e Gestuário Digital de LGP (2008).

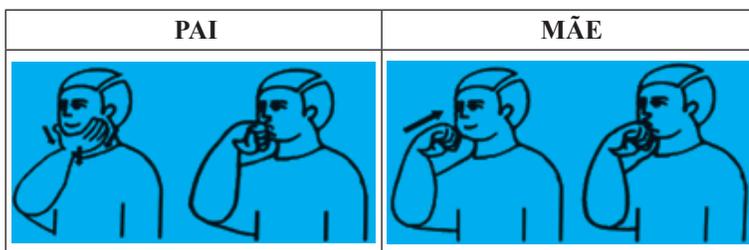
Em Portugal são escassos os estudos nesta área da linguística da LGP, pelo que consideramos importante que essas análises comparativas existam para enriquecer os estudos linguísticos nas línguas gestuais/de sinais. Como os estudos linguísticos no Brasil são mais abundantes, partimos desta base sólida para a investigação da LGP. Silva & Sell (2009, *apud* Correia, 2017), corroboram com as ideias de Ferreira (2010), e verifica que:

<sup>6</sup> Podemos usar no texto HOMEM/MULHER, FEMININO/MASCULINO ou MACHO/FÊMEA, são todos sinônimos nas duas línguas em questão, e usa-se o mesmo sinal/gesto.

(...) estudando os processos de composição morfológica e morfossintática na LIBRAS [estes] referem-se à marcação de gênero como composição aparente, afirmando o seguinte: Os nomes na libras não possuem marcação morfológica de gênero. Quando é necessário esclarecer qual é o sexo do referente numa situação de enunciação, uma das maneiras de fazê-lo nos substantivos de libras é a combinação dos sinais independentes, HOMEM ou MULHER.

Encontramos classificados nessa especificação referenciada acima os sinais de PAI e MÃE em Libras, que, obrigatoriamente necessita do sinal complementar para indicar o gênero, já que o sinal base é igual.

**Imagem 2:** Sinal da Libras para PAI e MÃE



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1868 e 1622)

Podemos dizer que esses sinais podem ser comparados às palavras de moção da LP, uma vez que há um sinal base para marcar o substantivo e a ele acrescenta-se o sinal de MACHO ou FÊMEA. Entretanto, não é assim que ocorre sempre nas LGV. Essa indicação, por exemplo, não se realiza em LGP. A imagem abaixo mostra que para os dois léxicos são usados gestos diferentes.

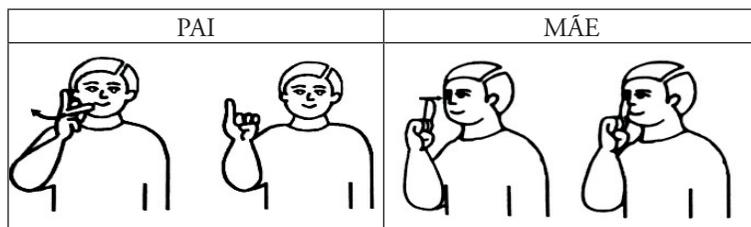
**Imagem 3:** Gestos na LGP para PAI e MÃE



Fonte: Gestuário Digital de LGP (2008)

Embora seja costumeiro que marque-se o gênero pela antecipação do sinal/gesto de **HOMEM** e **MULHER**, Ferreira (2010, p. 42) afirma também que em Libras é possível que a indicação seja “obtida através de sinais diferentes para um e para outro sexo”, o que acabamos de detectar também na LGP nos gestos de **PAI** e **MÃE** (imagem 3) e que se comprova na variação de **PAI** e **MÃE** (imagem 4) na Libras.

**Imagem 4:** Sinais da Libras para **PAI** e **MÃE**



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1869, 1622)

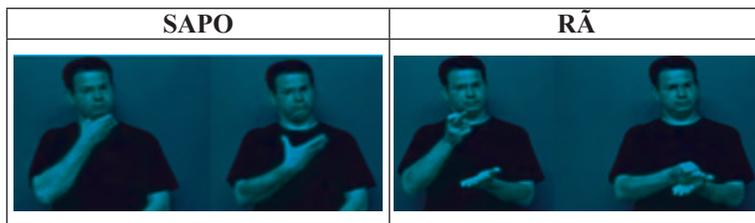
Em LP essa realização é chamada de heteronímia, quando usamos palavras distintas para diferenciar o sexo masculino do feminino de seres animados de uma mesma espécie: pai e mãe ou boi e vaca. Podemos, inicialmente, classificar assim também na Libras e na LGP. Marcação de gênero por: Moção - Sinais base acrescido do sinal **MACHO** e **FÊMEA**, ou; Heteronímia – Sinais diferentes para **MACHO** e **FÊMEA** de um mesmo substantivo.

Amaral et al. (1994, *apud* Correia, 2017) evidencia que:

É notório o uso de sinais/gestos diferentes para distinguir o masculino e o feminino, mas não só, como parece indicar no campo semântico restrito aos animais: a variação lexical pode igualmente ocorrer no campo semântico dos seres humanos, das profissões e da família. Desta forma, podemos afirmar que, (...) a variação lexical é um dos processos de marcação de gênero na LGP.

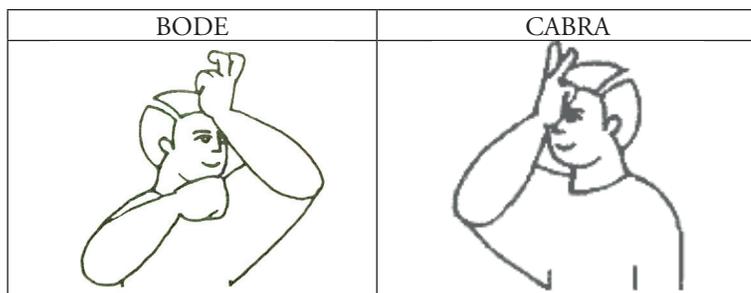
Tanto na Libras como na LGP encontramos substantivos biformes para indicação de gênero tanto em pessoas como em animais, como vemos nos gestos de **SAPO** e **RÃ** (imagem 5) em LGP e na Libras os sinais de **BODE** e **CABRA** (imagem 6).

**Imagem 5:** Gesto para SAPO e RÃ em LGP



Fonte: Gestuário Digital de LGP (2008)

**Imagem 6:** Sinais para BODE e CABRA em Libras



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 544 e 594)

Bechara (2009, p. 111 e 112) acrescenta que:

Quando não ocorre nenhum destes dois tipos de manifestação formal, ou o substantivo, com o seu gênero gramatical, se mostra indiferente à designação do sexo (a criança, a pessoa, o cônjuge, a formiga, o tatu) ou, ainda indiferente pela forma, se acompanha de adjuntos (artigos, adjetivos, pronomes, numerais) com moção de gênero para indicar o sexo (o artista, a artista, bom estudante, boa estudante).

Nas LGV, não há essas duas situações da LP expostas no exceto acima, já que muitas das marcações se igualam ao caso de moção quando se quer indicar gênero, como já dissemos. Entretanto, é comum que, em sinais que ambos os gêneros são representados pelo mesmo léxico (Ex.: GATO/GATA), o masculino não usa a marcação, o que acontece constantemente, como na frase “O gato subiu no telhado”. O sinal de GATO

é realizado sem o sinal/gesto de MASCULINO anteposto ao sinal base. O procedimento é o mesmo quando o contexto deixa claro o gênero, como na frase: “Minha gata teve dois gatinhos”, na qual não usamos o sinal de FEMININO, já que, só a gata (fêmea) pode ter filhotes.

Amaral et al. (1994, *apud* Correia, 2017) referindo-se a uma proposta gramatical, descrevem que:

O gênero na LGP é marcado ou não marcado podendo não possuir “qualquer marca nem de masculino nem de feminino”; só quando é necessário explicitar o sexo dos seres animados é que pode ocorrer marcação de gênero (...).

É o que acontece com os léxicos de animais. A marca de gênero não é definida nas fontes de pesquisa, pois indica a espécie, inclusive na descrição do sinal, no caso da Libras, conforme é exemplificado na imagem 7.

**Imagem 7:** Sinal de PATO em Libras com descrição



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1914)

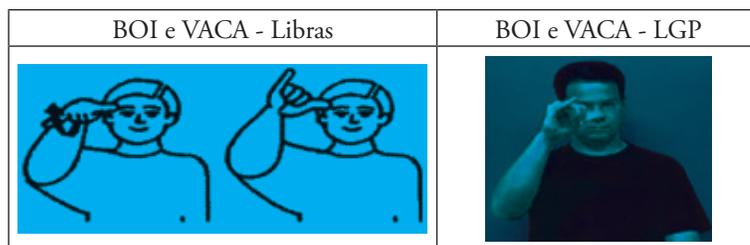
Esse fenômeno é encontrado na pesquisa feita para Libras e LGP, em palavras da LP que se diferenciam apenas pela desinência “ã” e “ó”, como MACACO/MACACA, URSO/URSA, TIO/TIA, AVÔ/AVÓ, entre outros. O mesmo acontece com os substantivos epicenos<sup>7</sup> designados pela Língua Portuguesa (cobra, jacaré, onça, foca, etc.). Correia (2017) indica “expediente lexical”, uma vez que se dá no uso

<sup>7</sup> Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2008-2013), “diz-se do substantivo que tem apenas um gênero e designa animais cujo sexo masculino e feminino pode ser determinado através das palavras macho ou fêmea”. [www.priberam.pt/dlpo/epiceno](http://www.priberam.pt/dlpo/epiceno) [consultado em 07-10-2017]

dos sinais de MACHO e FÊMEA para diferenciar os sexos, já que o sinal base é o mesmo.

No Novo Deit-Libras, quando a palavra em Língua Portuguesa para um animal de uma mesma espécie é diferente para feminino e masculino, os sinais são localizados na ordem alfabética das palavras em LP mesmo quando os sinais são iguais, sem, contudo, indicar a composição.

**Imagem 8:** Sinais da Libras para BOI e VACA.



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. e 545)

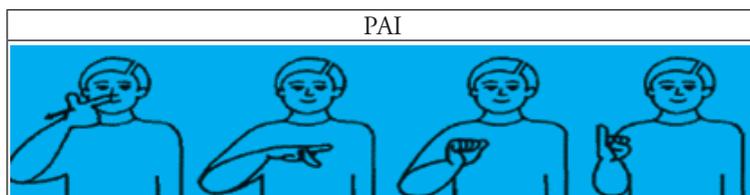
Em LGP o fenômeno de localização dos gestos não é identificado da mesma forma – ordem alfabética, uma vez que o gestuário analisado é digital e o procedimento de pesquisa é diferenciado, porém, ao procurarmos os mesmos gestos para LGP, encontramos apenas BOI, o que nos leva a deduzir que VACA é realizado apenas acrescentando o sinal de FÊMEA, como na Libras.

É imprescindível ressaltar que não há correspondências entre si nos tipos de gênero em LP, Libras e LGP, ou seja, não necessariamente ocorre a mesma situação nas palavras, nos sinais ou nos gestos: em LP BOI e VACA são heteronímias, na Libras e na LGP elas podem ser consideradas moção (MASCULINO + BASE (quando necessário) / FEMININO + BASE).

Outra forma de marcação de gênero está exposta na imagem 4, quando o sinal de PAI é realizado através de um empréstimo linguístico lexical, ou seja, palavras da LP que são emprestadas para a Libras, mas que podem sofrer algumas alterações em sua realização para se adaptar à Libras. Nesse caso, o sinal de PAI e MÃE não necessitam da realização do sinal

HOMEM e MULHER que especifica o gênero. Encontramos ainda na pesquisa uma variação para o sinal de PAI utilizado em São Paulo, onde o sinal é todo feito em datilologia.

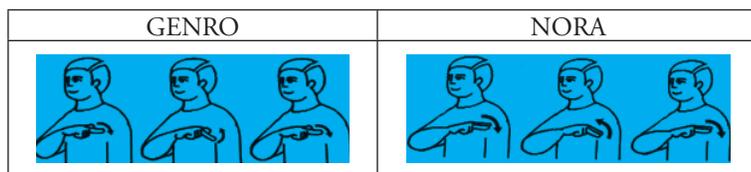
**Imagem 9:** Sinal de PAI – Variação usada em São Paulo conforme indica a fonte



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1869)

Semelhantermente acontece nos sinais de GENRO e NORA (imagem 10) em Libras e RÁ (imagem 5) em LGP, os quais tratam do uso de empréstimo linguístico de inicialização para diferenciar os gêneros, pois “recorre à utilização de uma Configuração de Mão (CM) que corresponde, no alfabeto manual, à primeira letra da palavra equivalente em português” (FERREIRA, 2010, p. 22).

**Imagem 10:** Sinais da Libras para GENRO e NORA.



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1335 e 1794)

Ainda observamos que, de acordo com análise em Libras, pode-se constatar que sempre que o sinal generaliza o gênero, não se faz a marcação de “masculino” e “feminino”, como é o caso do sinal de PAIS em Libras ou ANIMAIS em LGP (imagem 11), os quais semanticamente carrega o sentido de que pais é a junção do genitor e da genitora e animais de um grupo que não caracteriza gênero. Em LGP são realizados os dois gestos de PAI e MÃE (imagem 3) juntos, para indicar a generalização do sinal (PAIS) e em Libras é utilizado um sinal próprio para ANIMAIS por composição.

**Imagem 11:** Sinal da Libras para PAIS e para ANIMAIS EM LGP sem a marcação de gênero

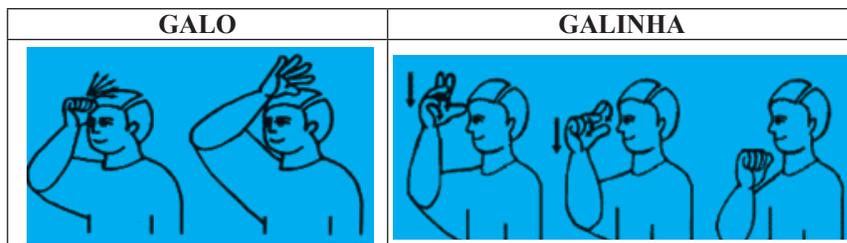


Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1869) e Gestuário Digital de LGP (2008)

Esta incidência pode ser comparada à LP aos substantivos ‘comum de dois gêneros’, uma vez que estes são distinguidos apenas pela anteposição dos artigos (Bechara, 2009), que, no caso das Libras e da LGP é a anteposição dos sinais/gestos de MASCULINO ou FEMININO, ou ainda, aos substantivos ‘sobrecomum’ que, por sua vez, são aqueles “nomes de um só gênero gramatical que se aplicam, indistintamente, a homens e mulheres” (Idem, p. 115).

Durante as pesquisas também detectamos que em alguns casos a marcação de gênero pode ser icônica, ou seja, o sinal traz uma representação real visual do que está sendo enunciado. Em Libras e em LGP encontramos os mesmos exemplos para essa ocorrência, uma vez que GALO e GALINHA são realizados a partir da característica física e imagética de cada um – a crista.

**Imagem 12:** Sinais da Libras para GALO e GALINHA



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 1323)

**Imagem 13:** Gestos da LGP para GALO e GALINHA.



Fonte: Gestuário Digital de LGP (2008).

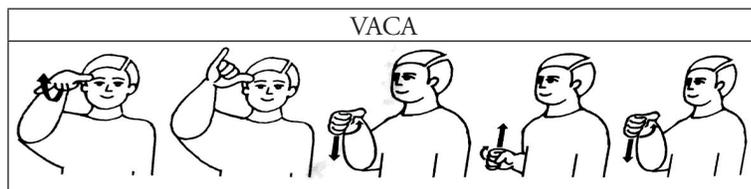
Estes sinais são considerados icônicos, pois, de acordo com Wilson e Martelotta (2013, p. 73), o ícone “tem uma natureza imagística, apresentando, portanto, propriedades que se assemelham ao objeto a que se refere”, o que dispensa os sinais/gestos de sinal de MASCULINO.

Amaral et al. (1994, *apud* Correia, 2017) trata como uso de metonímia, o que aqui chamamos de sinal icônico:

Esta consiste, na esmagadora maioria dos casos, no uso da metonímia para formar a palavra. Assim, veja-se, por exemplo OVELHA/CARNEIRO, em que o formato e a extensão dos chifres do animal designam o referente completo, processo idêntico no par GALO/GALINHA, em que o lugar das cristas das aves são os parâmetros distintivos de gênero.

O mesmo pode ser percebido no sinal de VACA (imagem 14), que dispensa a realização do sinal de MULHER, indicado na fonte como variação utilizada nos Estados do Paraná e de Santa Catarina, pois há uma representação icônica do sinal de ORDENHAR, o qual é uma especificidade apenas da fêmea.

**Imagem 14:** Sinal em Libras para VACA.



Fonte: CAPOVILLA, et al. (2013, p. 2454)

Para Bechara (2009) na LP essa indicação de gênero acontece “por meio de sufixo nominal”, uma espécie de derivação. Na LP podemos exemplificar com os léxicos: conde/condessa, galo/galinha, ator/atriz.

Na LGP ainda encontramos uma exceção à todas as regras, talvez a única, que é o uso de CABRA e BODE, onde BODE é que sofre a composição de CABRA + MASCULINO, não encontrado em Libras.

**Imagem 15:** Gestos de CABRA e BODE em LGP



Fonte: Gestuário Digital de LGP (2008)

Depois de toda análise e discussão realizados e dos resultados encontrados, utilizaremos a tabela abaixo para explicitar os tipos de marcação de gênero que encontramos na LGP e na Libras, em comparação com a LP, de forma a elucidar mais facilmente todo o exposto no texto, os quais classificamos em cinco categorias: Sinal/Gesto Base (somente); Gênero +Sinal/Gesto Base; Sinal/Gesto Base + Ícone; Sinal/Gesto base + MASCULINO (exceção).

Vale ressaltar que tomamos por base a gramática da Língua Portuguesa, já que esta tem estudos e pesquisas eminentemente solidificados, o que não significa contradizer a afirmação de que as LGV não são advindas das línguas orais, já que os resultados desta pesquisa contribuem para ratificar tal afirmação.

**Tabela 1:** Tipos de marcação em Libras e LGP

TIPO DE MARCAÇÃO	EXPLICAÇÃO	LGP	LIBRAS	Correspon. na LP
Sinal/ Gesto Base (somente)	O contexto do discurso não exige marcação de gênero	AV@* GAT@ BOI MACAC@	PAT@ AV@ BEBÊ CRIANÇA	Substantivos comum de dois gêneros ou sobrecomum
	Sinais que generalizam os dois gêneros	ANIMAIS	PAIS GADO CÔNJUGE	
Gênero + Sinal/Gesto Base	A anteposição dos sinais/gestos HOMEM/MULHER para indicar o gênero	Só o FEMININO é usado para marcar	BOI/VACA CAVALO/ ÉGUA	Moção
	Uso obrigatório da marcação	Todos os sinais que indicam feminino	PAI/MÃE ESPOSA/MARIDO	
Sinais/ Gestos distintos	O sinal icônico puro define o gênero de que se trata	GALO/GALINHA BODE/CABRA SAPO/RÃ	GALO/GALINHA BODE/CABRA BRA	Heteronímia
	Empréstimo linguístico total ou por adequação	-	PAI/MÃE	
	Empréstimo linguístico por iniciação	RÃ/SAPO	GENRO/ NORA	
Sinal/Gesto Base + Ícone	O uso do sinal de base mais uma característica icônica do substantivo	-	VACA	Sufixo Nominal/ Derivação

TIPO DE MARCAÇÃO	EXPLICAÇÃO	LGP	LIBRAS	Correspon. na LP
Sinal/Gesto base + MASCULINO (exceção)	Sinal base é exclusivamente feminino e para tornar-se masculino é preciso acrescentar sinal de MACHO	CABRA/BODE	-	Moção

### \* O uso do @ indica indefinição de gênero

A naturalidade da Língua Gestual Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais torna visível a vasta complexidade e riqueza linguística existente nas mesmas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos o estudo atingiu o objetivo proposto que era identificar diferenças e similaridades nas marcações de gênero na Língua Gestual Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais, e ainda fazer a correspondências destas distinções e similitudes com a Língua Portuguesa, apresentando ao final um produto elucidativo da pesquisa.

A investigação permitiu que compreendêssemos as distintas formas de marcação de gênero das duas LGV e proporcionou a classificação dessas formas em cinco categorias: **Sinal/Gesto Base (somente)** – quando o contexto permite que o sinal/gesto pode seja usado sem o completo de MACHO e FÊMEA ou o sinal/gesto base sozinho generaliza os dois gêneros; **Gênero +Sinal/Gesto Base** – Quando é necessário antepor os sinais de MACHO e FÊMEA para identificar o gênero, de forma facultativa ou obrigatória; **Sinais/Gestos distintos** – Quando os são usados léxicos diferentes para cada gênero sem contudo precisar usar a marcação de MACHO e FÊMEA, que se dá através de um sinal/gesto icônico ou por empréstimo linguístico total ou por iniciação; **Sinal/Gesto Base + Ícone** – Quando a base do sinal/gesto é igual para ambos

e a marcação de gênero é um sinal icônico; **Sinal/Gesto base + MASCULINO (exceção)** – ocorrência encontrada apenas na LGP, quando o sinal base é feminino e para a realização do sinal masculino é acrescido ao feminino o sinal de MACHO.

Embora tenhamos tomado como base os estudos gramaticais da Língua Portuguesa, uma vez que encontramos em seus conteúdos suporte sólido para amparar nossas concepções acerca da LGP e da Libras, reafirmamos, alicerçados nos resultados desta pesquisa, a distinção existente entre a língua oral dos países em estudo (Brasil e Portugal) e as duas línguas gesto-visuais das comunidades surdas brasileiras e portuguesas, o que é comprovado pela não correspondência das marcações de gênero na LP e nas LGV, o que atesta também o status linguístico autônomo das LGV em relação às línguas orais e é facilmente observável no produto da investigação: a tabela de tipos de marcação para gênero.

Considerando a discussão aqui empreendida, queremos ressaltar a naturalidade das línguas de sinais e sua independência das línguas oralizadas, constituindo línguas completas e complexas. Portanto, é imprescindível que o tema aqui investigado, avance para outros tópicos linguísticos da fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, dando sequência ao esquadramento comparativo entre LGP e Libras.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, M. A.; COUTINHO, A.; DELGADO MARTINS, M.R. **Para Uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1994.

APECDA - Associação de Pais Para Educação de Crianças Deficientes Auditivas. **Gestuário digital de Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa, UCP, 2008.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. Vol. I: Sinais de I a Z. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Edusp, 2012.

CORREIA, I. **Descrever a LGP em contexto bilíngue: o gênero**. Revista 'Leitura - Língua de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas', Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Ufal/Maceió. Vol. 1, nº 57 - janeiro/junho, 2017. No prelo.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LANE, H. **When the Mind Hears: A History of the Deaf**. New York: Random House, 1984.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Universidade Federal de Pernambuco. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos, USP, 23-25, 2002.

MARTELOTTA, M. E. **Dupla Articulação**. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de Linguística. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 37 – 41.

MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

PETTER, M. M. T. **Morfologia**. *In*: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística: princípios de análise**. 5.ed. – São Paulo: Contexto, 2014. p. 59 – 79.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STOKOE, W. C. **Sign language structure. An outline of the visual communication systems of the American deaf**. Silver Spring: Linstok Press, (1996) [1960].

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. **Iconicidade e Arbitrariedade**. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 71 – 85.

Submetido em: 01/03/2019

Aprovado em: 12/04/2019

127

